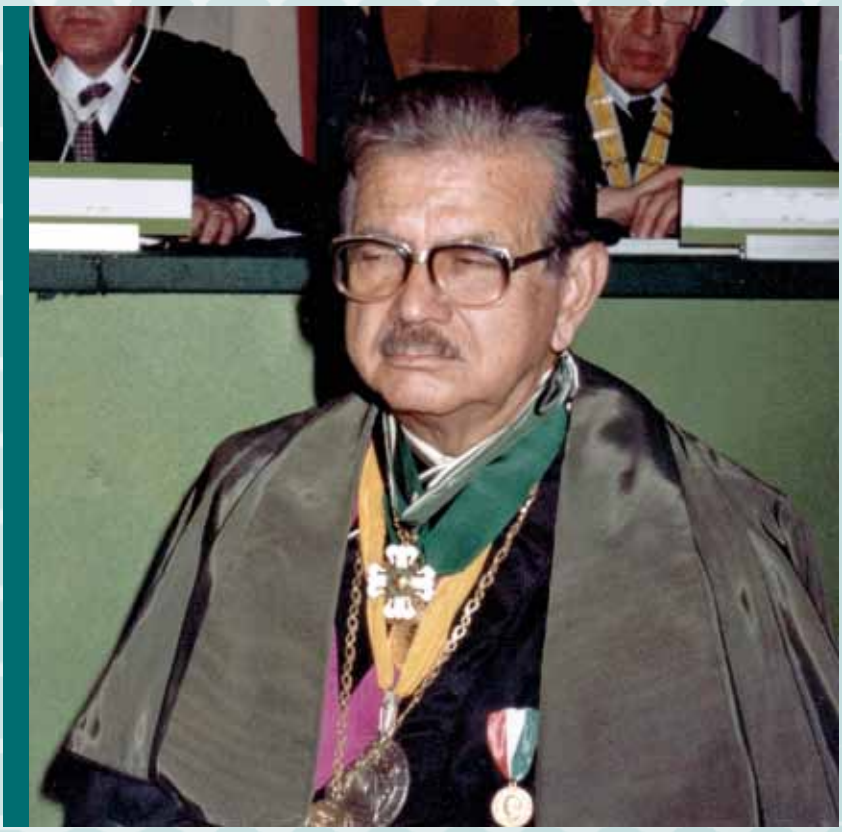
Salute ed amore

Saúde e Amor. São estes os votos com os quais Werther Duque Estrada terminava a maioria de suas correspondências pessoais, mostrando as coisas que considerava mais importantes na vida e que mais deseja a seus amigos e parentes. Neste mês, em que se comemora o centenário no nascimento deste grande mestre da Oftalmologia brasileira, o Jornal Oftalmológico Jota Zero republica a entrevista que foi editada em suas páginas da edição nº 36, de abril/maio de 1993, na qual o mestre conta um pouco de sua vida e da sua trajetória na especialidade.



JORNAL OFTALMOLÓGICO JOTA ZERO: *Duque Estrada? O que tem a ver com o Hino Nacional?*
Werther Duque Estrada: O autor da letra do Hino Nacional Brasileiro, Osório Duque Estrada, era primo de meu pai. Ele era professor no Colégio Pedro II e por isto se ausentava sempre das bancas em que eu prestava exames.

JORNAL OFTALMOLÓGICO JOTA ZERO: *Onde e quando nasceu?*
Werther Duque Estrada: Em 16 de julho de 1912, dia de Nossa Senhora do Carmo, na cidade do Rio de Janeiro (então Distrito Federal).

JORNAL OFTALMOLÓGICO JOTA ZERO: *E como chegou à Oftalmologia?*
Werther Duque Estrada: Foi um caminho muito longo e cheguei relativamente tarde à Oftalmologia. Desde o colégio minhas matérias preferidas eram a Biologia e a Matemática. Quando chegou o momento de escolher o ensino superior, quase me decidi pela Engenharia, mas a Biologia falou mais forte e fiz vestibular para a Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil. Naquele tempo a sede da faculdade era na Praia Vermelha em um lindo prédio que mais tarde foi criminosamente demolido. Formei-me em 02 de dezembro de 1933 e durante o curso fui sempre atraído pela Anatomia, principalmente pelo Sistema Nervoso e órgãos dos sentidos. Fui monitor oficial da Cadeira de Anatomia (serviço do professor Alfredo Monteiro). Entre os professores da matéria sublinho o nome do professor Thomaz Rocha Lagoa, homem de elevada cultura e notáveis qualidades de caráter e meu amigo. Sob sua orientação fiz concurso para Docente Livre de Anatomia na Faculdade Fluminense de Medicina e na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Como docente livre ministrei cursos equiparados e tive a honra de substituir (por concurso de títulos) durante cerca de dois anos o notável professor Álvaro Fores da Fonseca, de quem me tornei amigo e admirador. Antes de ingressar na Oftalmologia trabalhei no serviço de Clínica Médica do professor Garfield de Almeida (Hospital São Francisco de Assis), no Hospital de Pronto Socorro (especialmente em Cirurgia Geral) e no Serviço de Otorrinolaringologia do professor Raul David de Sanson, um condutor nato, homem de grande inteligência e elevada cultura. Entretanto, o momento da decisão se aproximava e eu estava em dúvida entre a Neurocirurgia e a Oftalmologia. Finalmente, a beleza do aparelho e do sentido da visão fez com que me decidisse. E para isto muito me influiu um

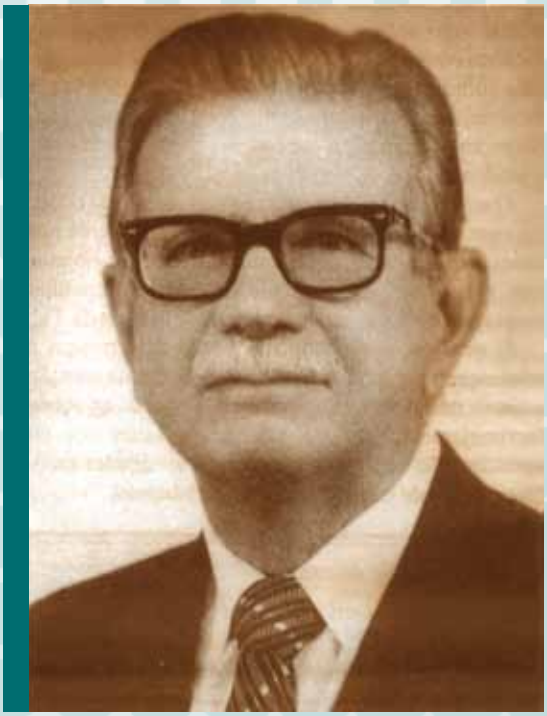
querido colega e amigo, já falecido, Joviano de Rezende Filho, excelente oftalmologista e grande pessoa humana.

JORNAL OFTALMOLÓGICO JOTA ZERO: *Em que ano?*
Werther Duque Estrada: Em 1942, quando passei a trabalhar na Cadeira de Clínica Oftalmológica da Faculdade de Medicina (Universidade do Brasil) sob a elevada direção do professor José Antônio de Abreu Fialho, sucedido pelo professor Octávio do Rego Lopes e este pelo professor Sylvio de Abreu Fialho, de quem também fui assistente por vários anos. Foi por essa época que publiquei a "Série Oftalmológica Roche" (patrocínio do Laboratório Roche) focalizando o fundo dos olhos nas doenças sistêmicas. A publicação teve uma tiragem de dezoito mil exemplares e atravessou fronteiras do Brasil. Em continuação, fiz concurso para Livre-Docência de Oftalmologia e ministrei curso da Especialidade na Faculdade de Ciências Médicas – UERJ.

JORNAL OFTALMOLÓGICO JOTA ZERO: *E a carreira de catedrático?*
Werther Duque Estrada: Em 1955, fiz concurso para Professor Catedrático de Oftalmologia na Faculdade de Ciências Médicas – UERJ. Antes exercera o cargo interinamente (também por concurso) em substituição ao professor Lineu Silva. As instalações da Faculdade de Ciências Médicas eram, àquela época, muito limitadas, de modo que comecei a lecionar nos Serviços de Oftalmologia da Santa Casa de Misericórdia do Rio de janeiro, por gentileza dos professores Rego Lopes e Sylvio de Abreu Fialho. Posteriormente, consegui criar e chefiar na Cruz Vermelha Brasileira o Serviço de Ceratoplastia (tive o inestimável apoio do senador Vivaldo Lima Filho, presidente da CVB). Tive a felicidade de organizar uma equipe dedicada, estudiosa e entusiasta, entre seus componentes Marcelo Martins Ferreira, Afonso Fatorelli, Acácio de Souza Branco (posteriormente Professor Titular de Oftalmologia na Faculdade de Medicina de Petrópolis), Luiz Eurico Ferreira, Argeu Barbieri, Ângelo Rogers Bellini, e, juntos, estruturamos um serviço com excelente nível técnico e humanitário, onde se destacava o aumento do número e da qualidade dos transplantes de córnea no Rio de Janeiro. Surgiu então uma nova fase para a Oftalmologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro: o Hospital Pedro Ernesto foi incorporado à Faculdade de Ciências Médicas, UERJ e nele foram instaladas todas as clínicas da faculdade, com aperfeiçoamento notável do ensino. Nessa época, com a graça de Deus, tive a felicidade de receber um telefonema do conselheiro da Embaixada Britânica comunicando, em nome do embaixador Sir Leslie Fry, que o governo de Sua Majestade me oferecia uma doação (e especificou a importância em libras) para a compra de equipamentos oftalmológicos na Inglaterra. Fiquei vivamente surpreso, pois o valor em libras era altíssimo, tanto que naquela noite ainda falei a minha esposa com receio de que tivesse entendido erradamente e fosse criar falsas expectativas. Mas no dia seguinte a informação foi confirmada! Essa doação, que se materializaria em aparelhos e instrumentos a serem comprados na Inglaterra, teve um acréscimo inesperado. A lista que organizei importava, por equívoco, cerca de quatro mil libras a mais do que o total estipulado. Mesmo assim, o governo britânico enviou todos os equipamentos solicitados! Foi possível então no Hospital de Clínicas Pedro Ernesto I(UERJ) um serviço de Oftalmologia de primeira qualidade, onde se instalaram "Cursos para Formação de Residentes em Oftalmologia" que rapidamente mereceram o aval e o registro do Conselho Brasileiro de Oftalmologia.

JORNAL OFTALMOLÓGICO JOTA ZERO: *Era o que de melhor havia na Oftalmologia de então?*
Werther Duque Estrada: Não. Felizmente no Brasil já existiam serviços oftalmológicos de alta categoria, entre os quais os oferecidos pelos professores Ivo Corrêa Meyer, Moacyr Álvaro, Cyro de Rezende, Hilton Rocha, Clóvis Paiva, Penido Burnier, Sylvio Abreu Fialho, cujas organizações de ensino honravam a Especialidade em nosso País. As novas instalações do Hospital de Clínicas e os equipamentos de excelente categoria trabalhados por uma equipe de elevada capacidade técnica e ética cujos componentes já citei e aos quais acrescento os nomes de Eloy Ferreira, Luiz Fernando Regis Pacheco, Paulo Cesar Fontes, Eliezer Benchimol, João Gabriel e Ricardo Neves, me permitiram oferecer ensino de graduação e pós-graduação de alta categoria. Tive inclusive a satisfação de receber colegas de outros países que se aperfeiçoaram conosco. Entre estes refiro Honório Campuzano Romero (Paraguai) e Gustavo Torres Saa (Peru). Além de professor catedrático da Faculdade de Ciências Médicas, alcancei em janeiro de 1977, por concurso de títulos e de provas, o primeiro lugar no Concurso para Professor Titular da Cadeira de Oftalmologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coube-me então instalar e chefiar o Serviço de Oftalmologia do Hospital de Clínicas (hoje Hospital Universitário Clementino Fraga Filho). Aí também consegui formar uma excelente equipe na qual destaco os nomes de Adalmir Morterá Dantas, Eliezer Benchimol, Otávio Moura Brasil, Sandra Ferreira, Lúcia Paraguassu (anatomo-patologista). Neste novo posto consegui organizar o Mestrado em Oftalmologia que tem sido frequentado por vários jovens oftalmologistas.

JORNAL OFTALMOLÓGICO JOTA ZERO: *Paralelamente a isto, desenvolveu uma intensa atividade nas entidades representativas da especialidade?*
Werther Duque Estrada: Sim. Tive a honra de presidir por duas vezes o Conselho Brasileiro de Oftalmologia, a mais elevada entidade oftalmológica do Brasil. O Conselho tem se desenvolvido e aperfeiçoado sem cessar e, sem dúvida, está desempenhando seu papel no mais elevado nível, o de definir normas de ética e de aprimoramento do oftalmologista. Recordo os nomes de Moacyr Álvaro, Cyro de Rezende e Cesário de Andrade que deram a partida para a fundação do CBO. Moacyr Álvaro foi ponte entre a Oftalmologia do Brasil e a dos Estados Unidos. Devo principalmente a ele meus primeiros contatos com a Oftalmologia americana de cujo Board participei como examinado (1953). Também tive a honra de presidir a pujante Sociedade Brasileira de Oftalmologia. Na minha gestão foi feita a primeira reforma de seu estatuto. Consegui que elevado número de notáveis oftalmologistas estrangeiros proferissem conferências na SBO, entre os quais o professor H. Goldman, que veio ao Brasil a convite da SBO: foi a primeira vez que o professor Goldman veio à América do Sul e suas conferencias se realizaram apenas no Brasil. Continuo participando das atividades oftalmológicas internacionais. Empenhei-me em ver realizado no Rio de Janeiro o meeting anual da Academia Ophthalmológica In-



ternationalis (a cuja diretoria tenho pertencido) o que ocorreu em outubro de 1989. Não posso deixar de mencionar – e isto me é superlativamente grato – as homenagens que tenho recebido na Universidade Federal de Campo Grande (Mato Grosso do Sul) onde o professor Elói Pereira (Titular de Oftalmologia) e sua equipe criaram a "Fundação de Estudos Oftalmológicos Professor Werther Duque Estrada". Serei para sempre grato a estes queridos colegas. No correr desta entrevista não posso deixar de deplorar algumas mudanças que têm ocorrido no ensino universitário (não apenas na Medicina); sistemática dos concursos piorou; há cadeiras com até oito professores titulares o que afeta a organização, a disciplina e a autoridade.

JORNAL OFTALMOLÓGICO JOTA ZERO: *É casado, tem filhos?*

Werther Duque Estrada: Desde 1952 com Mily Faveret Duque Estrada, mulher fora de série. Nosso namoro foi e continua a ser um namoro apaixonado. No início ela estudava canto e me enviava músicas que gravava para mim, entre elas a ária "Les Letres" do Werther" de Massenet. Viajamos juntos para todas as partes do mundo. Hoje, pela primeira vez em todos estes anos, ela viajou sem minha companhia ao sul do país para rever parentes. Estou em tremenda solidão. Tenho duas filhas, uma jornalista (Maria Ignez) outra tradutora e professora (Maria Esther). Tenho também um filho (Sérgio Werther), mais jovem, executivo. Todos trabalham muito ativamente e são muito corajosos. São filhos bons e muito amados. Várias pessoas, principalmente clientes, me perguntam por que nenhum dos filhos seguiu a minha carreira, se eu não ficaria contente em ter um filho como assistente. Respondo que gostaria muito, desde que antes de eu gostar ele gostasse, desejasse ser médico e isto por que creio que é necessário que se tenha amor pelo que se faz. Nunca pensei em impor o que quer que fosse. Acredito que tudo precisa ser feito com amor, principalmente a Medicina. Tenho para mim o verso de Kalil Gibran: *"work is love made visible"*. Por isto , sem cair em pieguice, sinto que a Medicina deve juntar as duas coisas mais importantes da vida: saúde e amor. Há muitos anos escrevendo ao meu amigo Giuseppe Scuden (Titular de Oftalmologia de Roma) fechei a carta com a frase" Salute ed Amore". A seguir quando saúdo meus amigos, escrita ou verbalmente, passei a desejar-lhes Salute ed Amore, as coisas fundamentais que devemos pedir a Deus e agradecer sempre, sempre.

Além da entrevista

Duque Estrada foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em abril de 1982. Organizou e ministrou vários cursos, inclusive de demonstrações cirúrgicas, na especialidade. Proferiu inúmeras conferências, participou de aulas, mesas redondas e palestras em congressos nacionais e internacionais. Publicou inúmeros artigos científicos em revistas brasileiras e estrangeiras. Presidiu a Sociedade Brasileira de Oftalmologia no ano de 1951 e o Conselho Brasileiro de Oftalmologia em 1964 e 1981.

Foi membro titular de várias sociedades oftalmológicas nacionais e internacionais. No ano de 1958, foi eleito *Fellow* da Academia Americana de Oftalmologia, título só alcançado anteriormente por Moacyr Álvaro. No Brasil, foi delegado da Sociedade Francesa de Oftalmologia. Era membro também da Academia Ophthalmologica Internationalis, constituída de apenas cinquenta membros vitalícios.

Na vida acadêmica recebeu inúmeras homenagens e distinções, entre as quais a *Medaglia D'Oro G. Favarolo*, em 1973, só concedida até então ao Professor Jules François.

Werther Duque Estrada faleceu em 16 de março de 2001, na cidade de Teresópolis, Rio de Janeiro, aos 88 anos.